

ESPORTE E MÍDIA: um pequeno esboço*

Uwe Müller**

RESUMO: A presente contribuição pretende ser apenas um esboço e não uma elaboração sistemática sobre o tema. De acordo com as diferentes formas que o esporte e a mídia se apresentam hoje, faço uma referência sobre o status que este tem atualmente e com que base o seu desenvolvimento pode se tornar compreensível. Já uma análise sistemática deveria partir das reais condições de vida, ou seja, o Esporte deveria ser discutido com base numa concepção do se-movimentar humano e com suas diferentes ramificações a partir do desenvolvimento de técnicas para o movimento - o esporte enquanto uma interpretação técnica do se-movimentar é reducionista. A cobrança do esporte enquanto um espetáculo de mídia, potencializa esta redução; a tecnologia do tempo autêntico (echtzeit) que depende dos imperativos econômicos, assim como o próprio esporte, fornecem uma imagem do que deve ser nossa corporeidade enquanto Ser-no-Mundo. A velocidade humana, assim como ela ainda é comemorada no esporte, constitui-se, na verdade, num anacronismo do ponto de vista da produção técnica da velocidade. Parece que o homem, na frenética busca de sua auto-superação, perde-se a si próprio nesta caminhada; o aperfeiçoamento técnico do e no homem seria uma Utopia negativa.

Atualmente, não mais é possível discutir o Esporte sem incluir nesta discussão, a mídia, os meios de comunicação. E, neste sentido, podemos verificar que o esporte há muito deixou de ser uma manifestação que se expressa pelo se-movimentar humano, e é, hoje, uma mercadoria idêntica a qualquer outra. Das possibilidades mercadológicas do esporte derivam, naturalmente, inúmeras dependências. No ano de 1987, os canais de televisão ARD e ZDF, os dois canais estatais na Alemanha, puderam transmitir os jogos de futebol da primeira liga, pagando 18 milhões de marcos. Em 1995/96, a Sociedade Internacional para a Utilização dos Direitos no Esporte (ISPR), fundado por Leo Kirsch - um todo poderoso dos meios de comunicação -, juntamente com a editora Springer, de grande influência nos meios esportivos, tiveram que pagar 140 milhões de marcos à Federação Alemã de Futebol para o mesmo privilégio. Assim, a revenda deste privilégio para outros países, mais de 100, fez deste negócio, algo extremamente rendoso. Para adquirir os direitos de transmissão, de 1997 até o ano 2000, a ISPR/Ufa prevê, para concorrer com a Liga das Emissoras ARD/ZDF/RTL, uma perspectiva de gastos de aproximada-

mente 150 milhões de marcos por ano. Com isto muitas modalidades esportivas, em geral consideradas menos atrativas, ficam prejudicadas e, em consequência, federações esportivas de menor porte têm dificuldades de conseguir verbas para suas realizações. Uma melhora e projeções de um futuro melhor só serão alcançados caso consigam, através de atraentes patrocinadores, obter eco nos meios de comunicação, o que por sua vez, aumenta o interesse de um maior número de patrocinadores. Isto não acontece sem consequências: a Liga alemã de Hockey pretende uma unificação em suas regras para, com isto, garantir uma maior abrangência de público espectador, através dos meios de comunicação. Outro caso aconteceu no Campeonato Mundial de Futebol Feminino em 1995, onde foi experimentado, em concordância com a FIFA, uma interrupção de um minuto em cada tempo de jogo - é o tempo mais adequado para as propagandas na televisão. Assim, fica evidente a dependência do esporte à estas agências responsáveis pelos meios de comunicação. Isto, no entanto, não significa dizer que cada emissora individualmente, seja privada ou estatal, com todas as transmissões garantida tenha uma margem de lucro muito alto. Po-

* Texto traduzido do alemão pelos profs. Elenor Kunz e Maria do Carmo Saraiva Kunz.

** Prof. Dr. Uwe Müller é professor do Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Hannover na Alemanha e futuro professor visitante do Centro de Educação da UFSC.

rém, só a garantia de ter o direito de imagem já justifica uma estrondosa aplicação financeira. Além do mais, esta estratégia, de garantia de direito de imagem e transmissão, é a mais adequada para o processo de opressão à concorrência. O que fica evidente é uma rede de relações e interdependências que, vinculadas às leis do mercado, atinge direta ou indiretamente a todas as pessoas.

Atualmente, é a própria cultura que torna tudo muito igual, uma vez que toda mídia, de uma ou outra forma, se atrela ao sistema. Que a mídia, hoje, é um negócio altamente lucrativo não é segredo para ninguém. Interesses econômicos são anunciados em agências públicas de informação, inclusive, como fator legitimador destes ganhos. Parâmetros de aceitação pública se orientam nos índices de audiência da televisão, na tiragem dos jornais ou, inclusive, no orçamento de um filme. A mídia explora sua clientela, praticamente da mesma forma como o fazem os partidos políticos, que se utilizam da propaganda profissional para suas campanhas com o fim único e exclusivo de arrecadar votos e não para fomentar uma possível reflexão individual dos eleitores com relação às suas atividades histórico-culturais. A acomodação econômica mundial hoje, acompanhada de uma distribuição global da cultura hegemônica, apoia e exige uma padronização dos produtos ofertados pela mídia. Esta padronização (o que significa: limites à multiplicidade, destaque a fatos menores, semelhança e conformidade nas informações e apresentações) não é de forma alguma, o resultado de orientações conseguidas a partir de consulta aos consumidores. A influência da mídia e as respectivas agências à sua disposição, acrescidas das suas possibilidades de abrangência sobre as necessidades dos consumidores, tornam-se cada vez mais fortes, especialmente, após as últimas conquistas do desenvolvimento tecnológico neste setor, como por exemplo, as novas possibilidades da televisão à cabo, das informações via satélite ou das redes de informação computadorizadas.

"O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a socie-

dade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma." (Horkheimer/Adorno, 1968:145)

Tudo é popularizado e ninguém pode fugir do alcance deste poder. O estar informado antecede ao ser conhecedor de fatos e coisas. A mídia consegue despertar uma habilidade para a observação com extrema rapidez, para que no êxtase desta velocidade muitos detalhes possam ser captados, aumentando assim, a oferta de produtos ao consumo. E, tudo isto, para que os consumidores nesta "avalanche" de fatos e coisas ofertados possa se identificar, ou seja, se prender as mesmas. Em todo o mundo reúnem-se jovens e crianças frente à televisão, para que na tempestade de uma MTV - emissoras musicais americanas -, possam ser treinadas para a atenção cada vez mais dispersa. Não sobra tempo para uma reflexão crítica; também, não há motivos para isto, uma vez que estas programações já vem acompanhadas de uma avaliação, leviana e superficial.

"A acomodação econômica mundial hoje, acompanhada de uma distribuição global da cultura hegemônica, apoia e exige uma padronização dos produtos ofertados pela mídia."

"E todos os seus agentes, (...) velam para que o processo de reprodução simples do espírito não leve à reprodução ampliada" (op. cit. 152).

As emissoras que atendem exclusivamente música popular, notícias e reportagens esportivas, conseguem um direito privilegiado de sobrevivência, uma vez que seus programas de entretenimento variados cobrem uma área considerada muito especial no mercado.

Nas grandes áreas da música, do noticiário e dos esportes, as massas são, com certeza, mais facilmente atingidas e orientadas para os interesses do consumo. O ritmo em que estas transmissões são "marteladas" sobre os consumidores, seja por intermédio de uma linguagem falada, musical, ou por sons e imagens, objetiva sempre, a emocionalidade, para assim, produzir uma comunidade destituída de identidade. Na Alemanha, por exemplo, o "veremos então..."¹, chamamento

¹ Idêntico ao jargão global para jogos de futebol: "Alô amigos da rede globo..." (N. T.)

padrão anunciado pela televisão em dias de jogos de futebol, que se pode ouvir em cada canto de cada casa, é um slogan que se torna algo como um patrimônio cultural popular. Mesmo os não adeptos dos programas esportivos, utilizam o slogan com um misto de ironia entre um “estar por dentro”, por um lado, e um concordar, por outro. Assim, o potencial crítico da linguagem enquanto possibilidade para uma tomada de posição contra a generalização do imprestável, perde-se pela oferta barata de padrões de expressão.

Nenhuma autoridade e nenhuma grande firma pode se permitir trazer a público, comunicados não anteriormente filtrados. As informações são “enxugadas” até que sejam possíveis de serem embrulhadas no manto da aparente franqueza, coloridas mas inatacáveis. Informações prestam-se, assim, de acordo com a necessidade, ao serviço da desinformação. A habilidade no noticiar, para confirmar ou enganar sobre o estabelecido, decide definitivamente sobre a imagem que se pretende ver configurada para se fazer valer interesses políticos e econômicos. Todos aqueles, que são ou pretendem ser os mais poderosos de um País, se vêm obrigados a um bom relacionamento com os meios de comunicação; da mesma forma, as agências dos meios de comunicação devem pretender laços afetivos com os donos do poder para garantir e expandir ainda mais suas áreas de influência.

Um pequeno exemplo foi mostrado ao mundo, no início do ano de 1996, com a aparição do astro pop M. Jackson para a filmagem de um videoclip, na favela Dona Marta, no Rio de Janeiro. Tanto para contratar o empresário Spike Lee, como para garantir a sua segurança, o astro fez um considerável investimento financeiro. ‘They don’t care about us’, este era o título de sua canção, aparentemente produzida para e sobre os pobres deste mundo. Mas, como cada indústria, também a indústria cultural interessa-se pelo Homem apenas enquanto freguês, operário, ou como claqué e figura de ornamentação. De acordo com o tema de interesse do momento a ideologia determina os destaques a ser feitos, tanto faz se o assunto cair na ecologia ou tecnologia, pobreza ou luxo, sexualidade ou moral, etc. Antes mesmo do astro e cantor pop e seus empresários terem ido ao Brasil, eles já puderam estar seguros do escandaloso alcance

desta sua nova publicidade, pois o mercado já estava garantido antes do lançamento oficial daquele clip. “I love you, Brasil” esta expressão sorridente do artista apresentado a um repórter de Televisão brasileira, é como uma estenografia com que se quis dizer, que a estratégia de Marketing para este seu novo produto, deverá, com certeza, ter êxito também no Brasil. Enquanto que os poderosos brigam entre si, sobra aos fracos, pelo menos, um belo sorriso. O espetáculo recebe, assim, não só o apoio de decretos incapazes de serem mantidos para impedir a meta publicitária, como ainda, uma certa influência ministerial. Quem estiver de certa forma, dependente da im-

pressão mundial, não pode se opor precipitadamente com importantes imagens formadoras de opinião.

Para o poder político e econômico fazer valer os seus interesses com mais precisão e poder, os meios de comunicação tornaram-

se cada vez mais indispensáveis. Como sempre, a liberdade de expressão e de imprensa vincula-se à esperança de que todas as informações se apresentem em relações reconhecíveis e transparentes. O “quarto poder”, como é também conhecida a indústria da comunicação, não pode ter, de qualquer forma, este carácter positivo da liberdade de imprensa. Paul Virilio caracteriza a mídia, cujo progresso é cada vez maior por suas relações de interesse, como fora do alcance de um controle democrático.

Mesmo se, de fato nem a televisão - condicionado pela influencia mútua - nem a imprensa a priori, disponham da liberdade de divulgar falsas notícias, assim de qualquer forma é concedido aos mesmos, por nossos legisladores, um enorme poder para mentir / falsear, quando censuram tais notícias que não lhes convém ou que possam prejudicar os seus interesses” (Virilio, 1994:9)

A mídia consegue ocupar o campo do entretenimento público justamente sob este plano político explícito de dirigir as informações. Até mesmo as informações mais simples se apresentam com uma dramaturgia correspondente. São oferecidas possibilidades de fuga em formas divertidas de entretenimento, não somente, para encobrir uma realidade ruim, mas também, para apagar os últimos resquícios de resistência.

“... o movimento, na verdade, nem existe, o que existe é alguém ou algo que se movimenta.”

II

É certo que o esporte atrai uma massa de público quando de sua apresentação nos meios de comunicação e é, por isto, um dos melhores meios de se atingir as massas. Para a abordagem aqui pretendida, esporte e mídia apresentam um destaque em comum: o movimento humano. E por falar em movimento e tomando este termo de forma mais precisa, podemos dizer, que o mesmo, na verdade nem existe, o que existe é alguém ou algo que se movimenta. No nosso se-movimentar se configura nosso estar-no-mundo. M. Merleau-Ponty mostra em seu trabalho (ver especialmente Merleau-Ponty, 1966) que possuímos, antes de toda e qualquer interpretação, um saber-fazer que nos constitui e nos possibilita um horizonte fundamentalmente inconcluso de nosso Ser-no-Mundo. Um Se-Movimentar não pode ser compreendido causalisticamente como deslocamento ou mudança de lugar, mas implica, acima de tudo, em uma qualidade teleológica que é caracterizada pelo contexto situacional (referência indissociável de Mundo) e pela intencionalidade, ou seja, uma orientação sobre algo em processo de realização. Nisto, um espírito humano não é um *"spiritus rector"* autônomo do movimento; neste entendimento dialético de Ser-no-Mundo não se permite a aceitação de um sujeito que se destaca enquanto Dominador Absoluto sobre um mundo externo tornado passivo a ele.

Ao movimentarmos-nos, conduzimos *ad absurdum* nossas permanentes interpretações causalísticas as quais nos acostumamos e que se enraizaram profundamente em nossa consciência. Um exemplo simples: Eu apanho o lápis, para escrever estas linhas. A fisiologia, a biomecânica e em parte também a psicologia nos esclarecem que após o surgimento da intenção no cérebro, as informações chegam, pela rede nervosa, ao meu braço, minha mão, meus olhos, etc. para produzir o resultado desejado. Modelos mais ou menos diferenciados da cibernética, nos forneceriam esclarecimentos para este caso, a partir da abstração do poder corporal do se-movimentar. Mas, quando eu apanho o lápis, eu não preciso fazer uma medição de distância, não preciso calcular o ângulo

entre as articulações e nada nem ninguém em mim, dá sugestões ao meu corpo. De forma simplesmente extraordinária, eu estou com a minha mão no objetivo almejado, apanhando o lápis. O se-movimentar significa Vida, que remete à existência do Ser e é por isto, poder genuíno do Ser Vivo, que em nós mesmos, apesar de toda a instrumentalização corporal, ainda nos toca confiavelmente como um raio de luz. Se somos coagidos à passividade, resultam sérios problemas de orientação, nossas relações de mundo ficam empobrecidas e, em casos extremos, chega-se mesmo à autodestruição.

No esporte surge-nos a aparente promessa de um "eu posso", pois originalmente, não há um *'Cogito, ergo sum'*, e sim a experiência formativa pelo perceber, saber/conhecer, movimentar em nosso ser-no-mundo. A legitimação do esporte recorre sempre, e com grande esforço, à este tipo de relação, embora com isto, não se perceba que o esporte e um se-movimentar humano, apresentam enormes diferenças. Já, na antiguidade, os exercícios corporais se caracterizavam por determinada forma de realização:

"... a imagem que se separa da mercadoria adquire um caráter pretensamente mais objetivo (...) fornece expiações aos homens, lança necessidades e promete satisfação de desejos...!"

"O jovem, para os gregos, era um dromeus, um corredor.

Por isto, o ginásio recebia tanta importância na formação política e na educação do físico de todo homem na sua juventude - como futuro guerreiro do Phalanx ateniense -. Pois, a capacidade de correr, não dividia apenas as espécies animais, onde os mais habilidosos sobrevivem e os mais fracos e menos velozes devem morrer; ela determina, também, o Poder e o Grau ao cidadão ateniense. Por isto, os primeiros jogos olímpicos, com certeza, também desempenharam um papel ético e político: eles treinavam para luta, para a corrida de competição, para o lançamento de disco e do dardo... isto é, os atletas tornam-se autênticas máquinas de guerra. Na mitologia dos famosos corredores de maratona, a batalha interessava menos que a Hierarquia "dromo-crática" do grego antigo" (Virilio, 1993:13)

Virilio mostra nesta citação que, no contexto dos exercícios físicos e da guerra, os atletas se transformam em "máquinas de guerra". Já no

conceito de máquina utilizado, se percebe uma interpretação para a instrumentalização do corpo humano. A capacidade do se-movimentar não é por si só protegida de ataques de outras esferas de poder. A escolarização/educação das capacidades corporais para atividades de guerra, tem uma longa tradição e vai alcançar, inclusive, a segunda guerra mundial. Embora, nesta, as técnicas de destruição/eliminação se tenham “aperfeiçoado” tanto, que o status de veloz, ágil e corajoso guerreiro, tenha se tornado obsoleto; as armas de precisão e grande alcance são muito mais eficientes que qualquer guerreiro, que em tempos passados ainda precisava ver o seu adversário. Assim, este fator de desenvolvimento leva socialmente os exercícios físicos para outra esfera, onde não precisavam estar necessariamente vinculados a uma possível guerra. Esta esfera, nós caracterizamos atualmente com o nome de ESPORTE, e que é um fenômeno relativamente jovem, começando a se diferenciar somente nos séculos 18/19. De modo característico, encontramos neste esporte, ainda, algumas marcas de antigas relações, onde: os exercícios físicos não tinham apenas o objetivo de se fortalecer contra inimigos externos, para o qual as “máquinas de guerra” deveriam ser velozes, fortes e corajosos. Este tipo de preparação desempenhou também um papel considerável nas pacificações internas dos diferentes estados. Tanto o disciplinamento e a canalização das capacidades físicas, como os afetos e o caráter, se desenvolvem de forma contínua e sistemática, tendo em vista um cidadão que precisa se adaptar as estruturas de poder da sociedade vigente. Se hoje em dia alguém se refere a um indivíduo como um esportista, pensa-se logo em alguém super treinado, ou seja, sem excesso de peso, que se destaca em alguma atividade esportiva e de certa forma deve ser esportivamente saudável e autodisciplinado, isto é, preparado para agir e render. A socialização pelo esporte se tornou um abrangente fator de educação e que não se vincula mais a atividades guerreiras. Tomando a perspectiva do Se-movimentar, é possível reconhecer nisto um momento de constituição e assimilação de mundo. No passear, andar de bicicleta, jogar bola, etc., abre-se também para nós um mundo para o desempenho de diferentes capacidades a partir de um repertório significativo de movimentos. Porém, se essa capacidade se estabelecer no reduzido âmbito do esporte de rendimento, outros critérios tornam-se visíveis. Trata-se, então, de rendimentos máximos possíveis, para a eficiência máxima e as melhores possibilidades de sobrepujar em competições. As condições para isso derivam das inter-

pretações tecnológicas do movimento, onde os homens colocam seu corpo em ação. Ações humanas concretas, são assim hipostasiadas. Mais veloz, mais alto e mais longe são as novas devoções, que tem seu Olimpus, sem dúvida, também, no mundo do trabalho industrial.

III

Também no desenvolvimento do esporte, sobretudo no século 20, mostra-se a grande ênfase à tecnificação e ao planejamento racional. As capacidades do se-movimentar humano, são canalizadas para possibilidades máximas de eficiência. Os materiais usados na fabricação de aparelhos esportivos são otimizadas e os indivíduos praticantes passam por uma análise manipulativa, quase como objetos, para descobrir suas reais capacidades de rendimento e, assim, poder condicioná-las, como num experimento de laboratório, até os limites de suas possibilidades de rendimento. Porém, um paradoxo em tudo isto ainda persiste, ou seja, por que toda esta instrumentalização técnica e corporal, se as máquinas conseguem amplamente ultrapassar os limites das capacidades físicas do Homem? Parece-me, que nenhum homem deste mundo poderá correr os 100 metros rasos em 8 seg. e saltar 3 metros em altura. Os limites do imperfeito Ser Humano já estão claros. Com o refinamento dos métodos de treinamento, da biomecânica, da fisiologia, etc., e por já ter se chegado aos limites do possível em termos de resultados esportivos, os critérios de diferenciação dos resultados, se tornaram alarmantes. De novo coloca-se no Homem a origem dos erros: os tempos medidos manualmente ou as impressões visuais se tornaram muito imprecisas. Logo, mensurações eletrônicas, chegadas nas corridas registradas fotograficamente são conseqüências obrigatórias para que as mínimas diferenças pudessem ser percebidas. O caminho, portanto, não vai para o rendimento cada vez melhor, mas para a mensuração cada vez mais refinada no âmbito destes limites do rendimento. Antigamente não se falava na hoje tão propalada “melhor marca mundial do ano”. A medida em que o esporte bate nos limites do rendimento humano, torna-se perceptível a acelerada perda das capacidades do homem pelo movimento humano. Lembremos da citação acima, de Virílio, onde ele menciona Dromeu, o corredor. Velocidade sempre foi de grande importância, seja no transporte de pessoas, de materiais ou de notícias.

Originalmente, foi o próprio Homem quem assumiu a tarefa de transporte. O maratonista foi figura símbolo desta forma de transmissão de notícias. A continuidade desse desenvolvimento é conhecida: animais como cavalos, camelos, pombas correio mostraram-se, inicialmente, como mais eficientes. Eles não serviram para reforçar as capacidades do rendimento orgânico do homem como acontece pelo uso de instrumentos mais simples ou, como no caso do uso de armas, mas eles servem para a substituição destes. E, lembrando o desenvolvimento desta substituição da força humana por animais ou máquinas, percebe-se, que as primeiras máquinas eram ainda presas à terra, ao local de fornecimento de energia (por exemplo nas moinhos a vento ou a água). Somente com o desenvolvimento das máquinas a vapor os animais se tornaram supérfluos enquanto meios de transporte: a máquina a vapor, o trem, o automóvel, o avião, até chegarmos ao telégrafo, ao telefone e aos atuais meios de comunicação visual, tudo isto acontece, num processo de redução de tempo até se chegar ao chamado "tempo autêntico". Quanto mais supérfluos se tornavam os rendimentos corporais - penso, também, no alívio da força de trabalho nas relações de produção - tanto mais o esporte conseguiu se diferenciar no preenchimento das condutas do lazer e do consumo. E, após a segunda guerra mundial, os interesses na valorização capitalista de toda e qualquer produção, assumem de forma abrangente a função condutora sobre setor esportivo.

Neste desenvolvimento, mostra-se um dinâmica singular: paralelo às novidades tecnológicas o esporte estabelece-se enquanto uma manifestação histórica específica a partir do se-movimentar humano, porém numa forma muito reduzida deste se-movimentar. Mais adiante, o esporte passa a ser integrado neste sistema "tecnológico sem-corpo", cujas possibilidades de apresentação transcendem em muito a tudo aquilo que se conhece até hoje. Bem no princípio do desenvolvimento da mídia visual, estávamos ainda maravilhados com a possibilidade de "participar" numa aventura ou numa viagem em câmara lenta ou ainda, de praticamente se poder ver o vento batendo nas folhas. Mudança muito sutil em nosso comportamento acontece, porém, na medida em que come-

çam a surgir, então, as imagens cada vez mais movimentadas e na forma de uma perfeita reprodução técnica da nossa realidade corporal concreta. Conhece-se da estética de venda, que a imagem que se separa da mercadoria, adquire um caráter pretensamente mais objetivo. É esta imagem que fornece explicações aos homens, lança as necessidades e promete satisfação de desejos além de emprestar aos homens um adequado ponto de vista para uma "correta" interpretação de mundo como de si próprio. E enquanto os homens são, assim, fartamente atendidos nas suas necessidades multifacetárias, transformam-se, também, ao mesmo tempo em submissos serventes deste sistema. Acontece, assim, uma singular forma de transferência de realidade, que é reforçada de múltiplas formas através de sempre novas tecnologias. As imagens como os relatos que nos chegam diariamente, são na verdade cópias de uma determinada realidade,

"No mundo dos esportes quase inexistente um caráter crítico-esclarecedor, e não poderá haver enquanto estiver sob os ditames da valorização comercial..."

mas que adquirem a tendência de se tornarem mais importantes que o original. O original é, na verdade, superado pela cópia e julgamos o original, na maioria das vezes, em vista de valores que estão implicados com a cópia. Somos assim, expropriados de nossa própria realidade corporal concreta pois esta se nos apresenta como deficitária. Virilio avança ainda um passo além, na medida em que ele descreve o perigo da passividade como uma perspectiva em que

"... cada velocidade maior delimita inicialmente velocidades menores para então as suplantarem. Semelhante como com os cavalos que não são abolidos mas sim degradados nas pistas de corrida, assim também são limitados as atividades corporais dos homens no jogo e no esporte. Nota-se no desenvolvimento das modalidades esportivas, no jogging ou nas reportagens esportivas da televisão, uma mera compensação, ou seja, são sintomas clínicos de indolência. Não somos mais viajantes, mas sim pacotes que de forma sentado e proteticamente protegidos, nos deixamos transportar, via área ou terrestre. (Virilio, 1993:15).

Mesmo que não se vá perseguir a argumentação de Virilio até o patológico, assim mesmo, temos

que concordar que sua interpretação e sua perspectiva é de certa forma, plausível. Na dependência dos imperativos econômicos a corporeidade humana fica como que ramificada em próteses da velocidade, que transforma o mundo numa pequena aldeia e que faz a vida parecer um relance. O sintoma da indolência alcança assim, o nosso ser-no-mundo corporal de tal forma que mesmo na prática ativa do esporte, ficamos presos a uma redução da capacidade física pois, nos deixamos equipar apenas para a afirmação e confirmação do existente. No mundo dos esportes quase inexiste um caráter crítico-esclarecedor, e não poderá haver enquanto estiver sob os ditames da valorização comercial, da mesma forma como com os apelos corporais, como por exemplo, na oferta de um treinamento para aumentar o valor de troca da sexualidade (aparência visual, pele lisa, pouca barriga, etc.) ou ainda, o corpo oferecido no mercado do esporte como uma mercadoria. E o mundo da apresentação esportiva, o mundo virtual dos esportes fornece com isto, uma ideologia ideal para se seguir modelos.

A rede de comunicação cada vez mais densa dos meios eletrônicos nas comunicações de massa é hoje, embora tecnicamente possam se apresentar como um potencial de libertação, tão organizado que consegue controlar muito mais a lealdade de uma população despolitizada, do que servir a um projeto onde os controles sociais e do estado por seu turno, fossem de forma descentralizada, conseqüentemente canalizadas para assim, desobstruir uma formação de vontade discursiva" (Habermas, 1971:12).

Assim como deve ser mínima a esperança de se alcançar, atualmente, uma descentralização e reorganização do meios de comunicação para uma "formação de vontade discursiva desobstruída", assim também, não se pode esperar por grandes mudanças no terreno esportivo. Na medida em que o esporte de rendimento encontrou no "esporte espetacular" seus agentes essenciais e o cálculo de custos e benefícios (onde entram o descomprometimento, o rigor, a transgressão de regras, etc. nas competições) é abertamente sancionado, questões que implicam respeito, *fairness* e lealdade às regras tornam-se, apenas, palavras vazias nas manifestações oficiais. À sombra desta domi-

nação existem ainda, apesar disto, muitos grupos que praticam o "seu esporte", sem se manter escravos às prescrições do esporte de rendimento. Dependendo do contexto situacional, fazem-se compensações de vantagens e prejuízos, regras devem ser discutidas e, sempre com o objetivo voltado a um agir coletivo, assume-se diferentes reformulações para manter constante o equilíbrio tensional desta forma de se fazer esporte. Uma instrumentalização do corpo aparece menos nestes momentos, isto porque não há tanta dependência na compensação de deficiências ou fraquezas através do treino, no sentido de se aceitar a si próprio e ser aceito pelos outros. No entanto, percebe-se, que não é esta a direção que o desenvolvimento geral do esporte vem tomando hoje.

A racionalidade técnica, que mencionam Horkheimer/Adorno, e que seria "a própria racionalidade da dominação", mantém também o esporte nos seus domínios. Em conseqüência disto, percebe-se que uma possível superação desta dominação deveria acontecer quando da própria superação da técnica. A isto, contrapõe Habermas:

"Para o progresso institucionalizado da ciência e da técnica, analisado a partir de sua estrutura, não é possível perceber possibilidades alternativas que pudessem ter o mesmo valor funcional destas. A não-culpa da técnica, a quem defendemos contra os que a desprezam cheios de razão, consiste em que a reprodução da espécie humana está presa às condições de uma razão instrumental, de uma razão instrumental orientado-a-fins - e por isto é que, não a estrutura, mas a abrangência da disposição tenha violenta da técnica pode transformar-se historicamente, desde que esta espécie se mantenha orgânica como ela é até agora." (Habermas, op. cit.:348).

Esta "abrangência da disposição violenta da técnica" parece claro que não esta de forma alguma esgotada até hoje. As tecnologias de ponta objetivam hoje em dia cada vez mais ao âmbito do microcosmos para assim poder alargar e melhorar as técnicas de controle e direção.

"As intervenções biotecnológicas na condução do sistema endócrino e principalmente nas intervenções das informações

hereditárias pelas transmissões genéticas, poderiam, no futuro, agravar ainda mais o controle sobre as condutas humanas” (op. cit.:356).

A horrível ironia disto consiste em que a partir daí, as conseqüências socio-culturais deste progresso tecnológico, por intermédio da própria técnica, poderá ser regulada de forma dirigida no e pelo homem. Os homens fariam, conforme Habermas, a história à sua vontade, “mas não de forma consciente”. Se uma discussão política desejável poderá estar em condições de tomar parte nesta forma de desenvolvimento, como espera Habermas, é algo que precisa se mostrar ainda. Por último, podemos imaginar, por exemplo, que no próximo século poderemos comemorar que os meios de comunicação anunciem que atletas, através de próteses biotécnicas, conseguiram correr os 100 metros rasos em 8s e no salto em altura transcenderam aos 3 metros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HABERMAS, J. *Theorie und Praxis. Sozialwissenschaftliche Studie.* Frankfurt/Main 1971 (1933, 1971 com novo prefácio)

HORKHEIMER, M./ADORNO, T.W. *Dialektik der Aufklärung.* Amsterdam 1968(1944).

MERLEAU-PONTY, M. *Phänomenologie der Wahrnehmung.* Berlim 1966 (orig. Paris 1944)

VIRILIO, P. *Geschwindigkeit und Politik.* Berlim 1980 (orig. Paris 1977)

_____. *Revolution der Geschwindigkeit.* Berlim 1993 (orig. Paris 1991)

_____. *Die Eroberung des Körpers.* München, Wien 1994 (orig. Paris 1993)

SECRETARIAS ESTADUAIS DO CBCE

As Secretarias Estaduais do Colégio exercem importante papel na integração do CBCE e seus associados e no encaminhamento das decisões tomadas nas diferentes instâncias.

Procure a Secretaria do seu Estado e participe das suas atividades.

Em caso de dúvida sobre como entrar em contato com seus representantes regionais, encaminhe correspondência à Direção do CBCE.